

Desdobramentos da infância brasileira em meio à era digital: riscos e possibilidades

Brazilian childhood unfoldings among the digital age: risks and possibilities

Hellen Nicole Constantino Aranda¹

Resumo: Ao analisarmos toda a tecnologia com a qual as crianças têm tido contato nos últimos tempos, somos levados a inúmeros questionamentos a respeito de até que ponto este intenso acesso à Internet pode ou não ser algo saudável. O presente trabalho tem como objetivo expor as diversas facetas que a Internet tem a oferecer às crianças. Buscamos realizar uma breve pesquisa documental juntamente à revisão bibliográfica da literatura atual para elaborarmos uma argumentação socio-crítica pautada em dados constatados, não nos limitando a um discurso que se apropria do senso comum. O resultado dessa pesquisa nos coloca frente a uma realidade nem sempre levada em conta pelos adultos: ainda que a internet seja um ambiente de riscos que devem ser considerados, ela pode se apresentar como recurso positivo uma vez que se torna um espaço em que a criança e o adolescente encontram liberdade para serem atores sociais. Sendo assim, seus pontos positivos parecem se destacar frente a aspectos negativos, que são notados somente através de um uso desmedido, carente de supervisão adulta efetiva.

Palavras-chave: Infância; Internet; Redes sociais.

Abstract: When analyzing all the technology with which children have had contact lately, we are led to numerous questions considering when this intense access to the Internet may or may not be something healthy. The present text aims to present the different facets that the Internet could offer for children. We seek to carry out a brief documental research attached to a systematic review of the current literature in order to develop a socio-critical argument based on verified data, not limiting ourselves to a discourse that approaches common sense. The result of this research puts us in front of a reality not always taken into consideration by adults: although the Internet is a risky environment, it can also be a positive resource as it is shown as a space in which children and adolescents find freedom to be social actors. Thus, its positive points seem to stand out compared to its negative aspects, which are only noticed with excessive usage, missing adults effective supervision.

Keywords: Childhood; Internet; Social media.

¹ Psicóloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.
E-mail: hellenaranda@yahoo.com.br

Introdução

A discussão referente à temática da exposição de crianças brasileiras à Internet surge em meio a uma aula do curso de graduação em Psicologia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Os debates incitados pela disciplina nomeada “Infância e Modos de Subjetivação na Contemporaneidade”, ministrada pela professora Sabrina Dal Ongaro Savegnago, possibilitaram a reflexão a respeito de quais seriam os contextos e consequências implicados no aumento em massa de conteúdos virtuais desenvolvidos para e por crianças brasileiras.

Uma vez conhecendo o crescente interesse de crianças para com o entretenimento apresentado através da Internet, pode-se notar que ainda que seja fácil observar uma série de web-celebridades adultas que se tornam fenômenos no mundo infantil com seus canais de livre acesso ao público infantil, é visível que por meio de diversas mídias sociais, podemos também encontrar vídeos voltados para crianças produzidos por influenciadores de idade semelhante, colocando, assim, estes seres em evidência, já que o conteúdo em questão quase sempre se apresenta como uma obra expressiva das mesmas. Abordamos ainda o quanto o *status* comunicacional e tecnológico contemporâneo tem impactado a vida das crianças, apontando para aspectos intergeracionais, e novos modos de socialização, além da emergência dos pequenos como potenciais consumidores, que se tornam alvo frequente de publicidades desregradas.

É interessante ressaltar que este trabalho tem como objetivo apresentar as diversas facetas que a Internet tem a oferecer, discutindo de que maneira as crianças fazem uso da mesma e observando o que tem sido produzido por e para as crianças em meio às redes. Sob esta perspectiva, apesar de apresentarmos aqui alguns contrapontos referentes aos riscos relacionados ao seu uso mal gerenciado, tentamos identificar não somente o que tem se apresentado como nocivo em meio a essa esfera, mas também as possibilidades proveitosas que surgem por meio deste recurso.

Método

No presente trabalho optou-se por fazer uso de uma revisão teórica da bibliografia atual com referência a temas associados ao uso de internet por crianças e adolescentes, articulando-os à pesquisa documental, uma vez que foram analisados aqui alguns materiais digitais, buscando responder aos questionamentos levantados pela pesquisa. O artigo paira sob um olhar de argumentação crítica, o que nos possibilita observar e refletir sobre o cenário de mudança social que temos vivido na atualidade, em meio a uma quebra de paradigmas.

As diferentes infâncias construídas ao longo do tempo

Podemos afirmar que o campo da infância encarou diferentes interpretações por parte dos estudiosos ao longo dos séculos, sendo a ela atribuídas diversas visões, modificando socialmente a forma com a qual lidamos com esta faixa etária. Segundo o clássico autor francês, Philippe Ariès (1981), por muito tempo a visão da sociedade para com os infantes não era muito valorosa. A duração do período infantil era reduzida a seu momento mais frágil, enquanto o chamado “filhote do homem” ainda não era capaz de bastar-se. Desse modo, assim que a criança adquirisse algum desembaraço físico, era misturada aos

adultos, partilhando então de seus trabalhos e jogos; e de criancinha pequena, ela convertia-se imediatamente em homem jovem, sem que houvesse espaço para um desenvolvimento gradual, que considerasse estágios específicos da adolescência e suas peculiaridades.

Philippe Ariès (1981) ressaltava que a transmissão de valores e de conhecimentos, e de forma mais generalizada, a socialização da criança, não eram sequer asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava rapidamente de seus pais, e durante séculos a educação foi intimamente relacionada à simples convivência da criança ou do jovem com os adultos da comunidade. A criança aprendia as coisas que deveria saber apenas ajudando os adultos a fazê-las. É possível afirmar, então, que por tempo considerável, a passagem da figura infantil pela família, e pela sociedade como um todo, pareceu ser algo muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de tocar a sensibilidade social.

Segundo Tomaz (2016), diferentemente do cenário existente nas sociedades pré-modernas, a infância moderna instaurou na sociedade a ideia de que a criança tem o seu lugar, sendo este divergente ao lugar ocupado pelos adultos. Considerando uma divisão consistente entre esfera pública e privada, podemos afirmar que por muito tempo foi reservado à criança o espaço doméstico. Para a autora, no marco temporal em que a criança é escolarizada e não depende mais unicamente do conhecimento adquirido através da tradição e da convivência com adultos, determina-se também que ela não é uma protagonista do espaço público.

Para Loureiro e Marchi (2021), toda a ideia controladora de que o comportamento das crianças é algo que necessita ser moldado por adultos, muitas vezes, acaba gerando consequências negativas, por negar o estatuto de que elas são também atores sociais. Nessa linha, as autoras apontam para a existência de um pensamento predominantemente alarmista e pessimista sobre a relação das crianças com as mídias digitais, que poderia expô-las ao risco de contato precoce com o sexo e a violência, algo que para muitos pesquisadores parece ser o único foco, ainda que as experiências com a mídia possam delinear diversos cenários para além deste. Assim, as ideias deterministas a respeito da relação entre criança e mídias digitais se assemelham ao pânico exagerado vivenciado por gerações anteriores, com a emergência de outros meios de comunicação, tais como o rádio, o cinema, e a televisão.

Segundo Tomaz (2016), as análises emergentes sobre a construção social da contemporaneidade não podem deixar de lado os processos comunicacionais atuais, uma vez que a Internet vem modificando todo o modo de ser infantil. Após décadas e décadas de um não protagonismo determinado por parte de instituições controladoras exteriores à criança, observamos que, na realidade contemporânea, através de plataformas de mídia, tais como o Instagram, Tik Tok e Youtube, é possível que encontremos possibilidades de que as infâncias ganhem voz, uma vez que fica visível a grande extensão de vídeos elaborados diretamente por meninas e meninos, algo quase que inimaginável para gerações muito anteriores. Nestes meios de comunicação atuais citados, podemos observá-los discursando sobre os mais diversos assuntos que são relevantes e se fazem presentes no cotidiano dessa faixa etária.

A Internet como espaço formador de atores sociais

Para Pereira (2014), naturalizou-se a ideia de que são os adultos que devem produzir e apresentar cultura às crianças. Quando a perspectiva de

imersão digital parece desnaturalizar esses lugares verticalizados, surgem diversos discursos a respeito da fragilidade infantil e sobre perigos que abarcam a relativa autonomia oferecida pela experiência imersiva. Nessa linha, Loureiro (2017) constata que são poucos os trabalhos que buscam realmente compreender como as crianças utilizam as mídias digitais.

Ao redor do Brasil, notamos hoje que as crianças que ainda não possuem um canal próprio na Internet, por muitas vezes, afirmam ter o plano de produzir algum tipo de conteúdo digital em um futuro breve. Em vias gerais, elas costumam vislumbrar o compartilhamento de suas atividades pessoais e suas aptidões, sejam elas referentes ao artesanato, confecção de roupas para bonecas, ou habilidades artísticas; além de expor orientações acerca do uso da Internet e cuidado com o meio ambiente (Portal Lunetas, 2020). Diante deste cenário, entendemos que há uma intenção bastante recorrente em meio à população infantil no que diz respeito ao ato de criar conteúdo. Vale dizer que existem diversas possibilidades para que a criança fale, ela mesma, a respeito dos assuntos com os quais se identifica, ou seja, os aplicativos de compartilhamento de vídeo se mostram uma seara aberta às mais diversas temáticas que podem vir a ser do interesse próprio à criança.

Oliveira (2018) reitera esse dado afirmando sobre a frequência com que se vê crianças que não apenas consomem materiais *online*, mas também se apresentam como criadoras de conteúdo. O autor afirma que ainda que inconcebível em outras épocas, tal fenômeno é notável nos dias atuais, e possibilitado pelo desenvolvimento das novas plataformas de vídeo, como o YouTube, que hoje possui mais de um bilhão de usuários ao redor de todo o mundo.

Serrão (2022) observa que as crianças denominadas *digital influencers* têm a capacidade de inspirar e intervir na maneira com que outras crianças se comportam, assim como no que consomem. Dentro dos diversos seguimentos de conteúdos abordados por esses influenciadores mirins, destaca-se um nicho específico em que crianças promovem causas sociais, produzindo então conteúdos que visam mobilizar seus pares através da rede, uma vez que levantam questões importantes relacionadas aos seus direitos. A autora ressalta a importância da valorização da voz das crianças, de modo a compreender as experiências das mesmas a partir de seus próprios discursos, além de reconhecer a ação delas mediante sua contribuição na promoção e defesa de direitos civis.

A Internet e os recursos tecnológicos fazem parte da vida das crianças porque fazem parte da cultura e do momento em que vivemos. Tomás e de Carvalho (2019) nomeiam essa geração como a dos “nativos digitais”, pois as crianças do século XXI adentram o mundo tecnológico da Internet e mídias sociais de forma cada vez mais precoce. Os autores chamam atenção para este fenômeno do “novo brincar”, sempre mediado por aparelhos tecnológicos móveis, que permitem uma interação momentânea em qualquer lugar. Todo este processo parece ter um crescimento linear em potencial se nos atentarmos ao que vem acontecendo no decorrer dos anos.

Uma vez cientes de que as crianças de hoje são tão diferentes das crianças de décadas atrás, no que diz respeito à naturalidade do manejo de aparelhos eletrônicos, não parece fazer sentido a metodologia adotada por escolas que atuam proibindo o uso destes aparelhos em sala de aula ao invés de mostrar aos alunos que eles podem ser utilizados para adquirir conhecimentos e se entreter de forma segura (Tomás e De Carvalho, 2019). A diferença entre as crianças de hoje e as que viveram décadas atrás é de que com a facilidade de acesso à informação, e a habilidade no manuseio dessas ferramentas,

elas não precisam mais esperar crescer de forma passiva para se tornarem alguém, e podem, desde já, no aqui e no agora assumir papéis de relevância e protagonismo social.

Um fato que não deve ser ignorado é a questão de que alguns anos atrás, culturalmente ao redor de todo o Brasil, muitas meninas e meninos, independentemente de classe social, costumavam sonhar com um dia atuarem em telenovelas ou serem jogadores de futebol. Contudo, sabemos que a probabilidade disso vir a acontecer é bastante pequena. Quando não é o caso de a criança apresentar um talento inato excepcional, para lograr essa posição elas precisam de um treinamento intensivo, o que nem sempre é economicamente acessível a todos, além de terem que contar com alguma parcela de sorte, e da boa vontade de terceiros, já que quase sempre é necessário que haja uma parceria com agenciadores reconhecidos, e com toda a equipe por detrás de um clube de futebol, ou de uma grande rede televisiva.

Já nos dias de hoje, não é difícil encontrar crianças que afirmam sonhar em ter sucesso nas redes da Internet, sendo *youtubers* ou *streamers*, pessoas que trabalham com a transmissão de algum conteúdo ao vivo. Para os nativos digitais, assistir a vídeos é um dos principais passatempos, e ser um youtuber está entre as maiores preferências profissionais, de forma com que essa profissão pode vir a ser cada vez mais almejada com o passar do tempo (Castelló-Martínez & Tur-Viñes, 2020; AIMC, 2018; Bermúdez, 2020).

Por meio da Internet, é possível que um número bem maior de pessoas se aproxime da posição de relevância social sem que dependam tanto assim de terceiros, o que faz desta tecnologia um recurso bastante democrático. Dessa forma, é muito mais fácil que as crianças e adolescentes possam, no aqui e no agora, ter vozes ativas, além de poderem fazer algo prazeroso para elas, e possivelmente, ainda conseguirem alguns admiradores, sem que necessariamente precisem de tanto esforço e tempo para virem a concretizar este desejo.

Novos tempos, novas possibilidades de interação social

Em tempos de pós-modernidade, é normal que observemos ao redor de todo o mundo uma espécie de choque de realidades intergeracionais. Frequentemente alguns professores se mostram bastante impressionados pelas habilidades com computadores, celulares e Internet que as crianças e os jovens costumam demonstrar. “Que eles têm habilidade eles têm”, afirma Marta, professora de uma escola de ensino fundamental em Pucallpa, no Peru. De semelhante modo, um professor da mesma escola, que leciona no ensino médio, concorda, e ainda ressalta a força e o grau com que seus alunos aderem à rede Facebook (Ames, 2016). Por vezes, é comum percebermos que esse choque de realidades rege uma série de preconceitos. No entanto, conhecendo as barreiras quebradas pela Internet, seria correto afirmarmos com toda a certeza que o intenso acesso às redes digitais forma crianças e adolescentes isolados?

Quando vamos pesquisar um tema assim, acontece de pensarmos que a criança que usa muito o computador, o tablet, o smartphone, é uma criança isolada (...). Mas de fato, as crianças não estão se isolando. Elas estão buscando se conectar com outras crianças, com outras redes, com outros grupos, mas de forma bem diferente do

tradicional. Em muitos casos, buscam até encontros face a face com crianças que elas conheceram nas redes digitais-sociais. (Tomaz, R. 2017, p. 36)

Os recursos oferecidos pelas tecnologias digitais possibilitam que as crianças tenham uma interação e estabeleçam contato entre si, independentemente do local no qual estão presentes fisicamente. Deste modo, torna-se possível que meninos e meninas das mais diversas idades mantenham vínculos com amigos ou parentes que se mudaram de cidade, ou país, pelas mais diversas razões possíveis. Eles conseguem, dessa maneira, nutrir amizades, que em outras épocas, muito provavelmente seriam perdidas, uma vez que o espaço físico se apresentava como um limitador muito maior comparando com os dias de hoje.

Não podemos deixar de pensar nos novos laços sociais que surgem através da Internet. Crianças e adolescentes passam a ter acesso a grupos de fãs dos mesmos cantores ou atores que admiram, e a partir daí podem trocar mensagens com pessoas que compartilham dos mesmos gostos. De semelhante modo, podemos observar que as salas de jogos virtuais são cada vez mais lotadas por infantes que disputam partidas em tempo real. Em especial durante o tempo de pandemia causada pelo vírus COVID-19, Da Rosa e Serra (2020) salientam que o jogo online torna-se um meio de encontro importante para crianças e adolescentes brasileiros que estavam obrigatoriamente em isolamento, criando uma possibilidade de interação enquanto outras formas usuais eram temporariamente impossibilitadas.

É importante pensar ainda no quanto estas ferramentas digitais são essenciais para as crianças consideradas mais tímidas e introvertidas. Por muitas vezes, sabemos que essas são as crianças lidas como as mais vulneráveis dentro do ambiente escolar, e por consequência acabam tornando-se alvo para a prática de *bullying* por parte de seus colegas. O mundo da Internet surge então como um outro universo, com pessoas até então desconhecidas, das mais distintas localidades e realidades. Coleta et al. (2008) apontam para a Internet como um facilitador para os relacionamentos, especialmente para com pessoas mais tímidas, já que o anonimato parece facilitar a conversação. Dessa forma, torna-se possível que por detrás da tela, ele ou ela não seja julgado(a) como de costume. Por trás de um computador ou de um celular, os usuários não são necessariamente obrigados a mostrar sua aparência física, e sendo assim, ninguém sabe quem é mais gordinho, quem é negro, quem é branco, quem tem um cabelo diferente dos padrões estagnados de beleza, e por aí vai. Desse modo, torna-se mais fácil escapar de críticas e comentários perversos, muitas vezes recorrentes no dia a dia das crianças e adolescentes no mundo para além da Internet.

No entanto, é necessário que estejamos atentos para um fator em específico. Rosa e Serra (2020), em uma pesquisa com 50 crianças de uma escola pública brasileira, com idade entre 10 a 16 anos, puderam observar uma correlação negativa entre as variáveis ansiedade e tempo de acesso à Internet. Os autores concluíram que com a intensa imersão da população infanto-juvenil no mundo dos jogos e das interações tecnológicas, fica facilitada a esquiva de situações que causariam sentimentos e sintomas de ansiedade. Assim, pressupõe-se que a correlação negativa encontrada revela o jogo digital online como uma estratégia de *coping* para crianças e adolescentes. Ainda que a curto e médio prazo isso pareça uma ferramenta de auxílio interessante, o dado é preocupante pois vale considerar aqui que o uso excessivo de mídias pode estar associado ao sofrimento psíquico. Se faz essencial o emprego de

atenção para com esta problemática, visando à construção de intervenções que permitam a detecção e o tratamento psicoterápico diante de uma possível sintomatologia ansiosa em meio a este contexto.

O outro lado da moeda: onde entra o agir dos adultos?

Dado o cenário atual, é difícil pensar em uma realidade social que não contemple o espaço informatizado. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados obtidos no segundo trimestre de 2017, foi encontrado que 69,8% da população brasileira já possuía conexão com a internet, ou seja, algo em torno de 126,3 milhões de usuários com 10 anos ou mais. Assim, em um comparativo com os dados levantados em 2016, foi observado um aumento de 10,2 milhões de pessoas que passaram a ser ativamente conectadas à internet (IBGE, 2016-2017). As crianças e adolescentes visivelmente são parte dos usuários ativos da rede, mas a partir daí é válido levantar o questionamento a respeito da maneira com que esses frequentes acessos vêm sendo mantidos, e seus possíveis riscos iminentes.

Numa conversa com 32 crianças de todos os estados brasileiros, é possível notar que a maioria delas diz não ter seu acesso à rede mundial de internet limitado pelos pais. Ou seja, diferentemente do que acontecia com as crianças de décadas atrás, que acessavam o computador apenas ocasionalmente, muitas vezes com hora marcada, a geração atual, nomeada “Geração Alpha”, não parece ter muitos limites no que tange ao acesso à internet, pois a maioria possui seu próprio dispositivo celular, ou *tablet*. Se o celular está o tempo inteiro nas mãos dessas meninas e meninos, contabilizar o tempo de acesso à internet torna-se uma tarefa realmente difícil, a ponto de eles demonstrarem uma expressão bastante confusa e perplexa ao serem surpreendidos por uma pergunta a respeito desse limite temporal no acesso à rede mundial de Internet (Portal Lunetas, 2020).

Estabelecer um limite de tempo para o uso de aparelhos celulares se mostra ainda mais desafiador ao passo que as crianças relatam o uso excessivo das redes por parte de seus pais. Por muitas vezes, eles se mostram indisponíveis para os filhos, o que chega a deixar as crianças irritadas com o fato de os pais parecerem “surdos”, de acordo com sua percepção e relato (Portal Lunetas, 2020). Nessas circunstâncias, é natural pensar nas negligências que muitas vezes estes pais podem estar causando aos filhos, uma vez que a falta de diálogo e de afeto quase sempre gera consequências negativas em uma escala de longo prazo. Muitas vezes em meio a uma carência de conversa e de carinho, que deveriam estar presentes dentro de casa, as crianças acabam criando laços com pessoas de identidade não confiável. Vários são os casos de adultos se passando por meninos e meninas em redes sociais, o que nem precisamos dizer: abre portas para uma série de perigos.

O estudo de Firth et al. (2020) apontou evidências de que as interações excessivas com a internet podem influenciar de modo negativo a atenção, memória e outros aspectos da cognição. No estudo conduzido por Wacks e Weinstein (2021), o uso excessivo de smartphones também se mostrou associado a casos de depressão, ansiedade, dificuldades relacionadas à impulsividade, função cognitiva prejudicada, e baixa autoestima. Também foram encontradas algumas associações entre o uso em demasia do aparelho celular e hábitos alimentares pouco saudáveis, além de preocupantes mudanças no volume da massa cinzenta cerebral.

Da Silveira (2020) realizou um estudo acerca da pedofilia e encontrou resultados que apontam um crescimento no aliciamento de crianças por parte de pedófilos. Sabe-se que a revolução tecnológica evoluiu numa proporção alastrante, e as leis brasileiras contra os crimes cometidos na Internet não parecem evoluir deste mesmo modo. Assim, por muitas vezes esse problema acaba sendo deixado de lado, permitindo que os delitos continuem aumentando cada vez mais.

Para Anacleto (2017), os aparelhos eletrônicos são capazes ainda de prejudicar aspectos neurofisiológicos das crianças e adolescentes, de modo a afetarem negativamente a rotina de suas atividades escolares. Um estudo que avaliou os padrões de sono de 2.340 estudantes pertencentes a 18 escolas estaduais do município de Curitiba, com idades variando entre 10 e 18 anos, encontrou que dentre os voluntários da amostra total, 67,5% possuía o hábito de assistir televisão ou utilizar o celular ou computador antes de dormir. Dentre eles, os estudantes que afirmaram fazer uso de algum tipo de dispositivo eletrônico antes de dormir apresentavam atrasos dos horários tanto de dormir quanto de acordar, além de um menor tempo na cama, maior sonolência diurna e pior qualidade de sono se comparados aos sujeitos que afirmaram não fazer uso dos aparelhos durante esse horário. Dentre a população que utiliza dispositivos eletrônicos no período anterior ao sono, foi encontrada ainda uma chance 3,6 vezes maior de retomada do uso do celular durante os despertares noturnos.

Taborda (2019) menciona o fato de que o uso excessivo da tecnologia pode também causar às crianças alguns efeitos prejudiciais à saúde física, como dores de cabeça, alterações posturais, prejuízos na visão, dificuldade na hora de dormir e obesidade. Ainda que sejam muito inteligentes, sabemos que nem sempre crianças e adolescentes têm uma capacidade plena de visar possíveis problemas a longo prazo. Logo, embora tenham certa autonomia no manejo das redes, a responsabilidade de garantir um cuidado protetivo deve ser atribuída aos pais e responsáveis.

No entanto, na contramão dessa necessidade explícita, Santos (2015) salienta o fato de que muitos pais, mediante a justificativa de que é importante saber trabalhar com as novas tecnologias desde cedo, ou simplesmente visando evitar aborrecimentos, não costumam se importar que as crianças utilizem tais aparelhos. Por isso, acabam deixando-as livres para fazer uso destes da maneira que quiserem, e durante o tempo que desejarem, o que pode ocasionar problemas não apenas aos pequenos, mas também para a família como um todo.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, no Manual de Orientação “#MenosTelas #MaisSaúde” (2020), as mídias podem surgir como ferramentas utilizadas para tentar preencher vários vácuos, desde a falta de ter o que fazer, ou em contextos em que os pais estão ocupados demais, estressados, ou cansados, de modo com que não consigam dar atenção suficiente aos seus filhos. Em casos mais extremos, todo esse cenário pode acabar levando a uma dependência digital por parte das crianças. Assim, ainda que as mídias digitais possam parecer recursos muito atraentes para distrair os pequenos, especialistas postulam que o uso de telas por parte de crianças com idade inferior aos dois anos de idade não é recomendado. E a partir dessa idade, o uso deve ser rigidamente limitado pelos pais, de modo a aumentar gradativamente com o passar dos anos. Vale dizer que mesmo já no final da adolescência, os membros da Sociedade Brasileira de Pediatria não recomendam o uso excessivo de *videogames*, que pode prejudicar o horário de sono, e deixam claro que o acesso a equipamentos eletrônicos deve ser feito prioritariamente em locais não isolados da casa.

É válido mencionar ainda o risco iminente para com o consumismo em excesso, pois através dos canais que acompanham na rede, muitas vezes crianças e adolescentes acabam tendo acesso precoce à publicidade desmedida de uma infinidade de produtos, sem que estejam maduras o suficiente para lidar com uma oferta desenfreada de objetos. Para Tomaz (2016), a sociedade contemporânea contempla a criança enquanto consumidora, já que o marketing se dirige a ela, ofertando produtos através dos meios de comunicação dos quais ela participa cada vez mais ativamente. Assim, segundo Oliveira (2018), os canais de *youtubers* mirins podem apresentar publicidades para as crianças através de três formatos: publicidades explícitas; publicidades não explícitas; e menções espontâneas da marca.

Em sociedades urbanas, nas quais a violência em meio às ruas se faz presente, e especialmente durante a pandemia do COVID-19, momento no qual o medo pela contaminação se fez iminente, compreende-se que estar dentro de casa, diante da televisão, computador, *tablet* ou celular, parece ser uma forma “segura” de brincar e interagir, visto que a criança fica fora do alcance dos perigos encontrados em contextos externos. No entanto, o mundo virtual apresenta também perigos reais, e mesmo reconhecendo as vantagens e usos positivos que crianças e jovens podem fazer da Internet, ainda há a necessidade de acompanhamento e demarcação de limites por parte dos adultos, uma vez que este meio pode oferecer muitas modalidades de riscos.

Os riscos da exposição e do trabalho infantil

No caso mais específico das crianças *youtubers* e criadoras de conteúdos através de outras mídias digitais, é relevante desenvolvermos uma discussão à parte, visto que os pais devem estar em alerta também para com outras questões pertinentes. Deve ser assinalado o risco de perda da privacidade, o fato de ter que lidar com comentários maldosos provenientes de desconhecidos, a fama repentina ou perda dela; além de riscos de ameaças de violência, sequestro, e a perigosa reprodução de determinados conteúdos em suas plataformas, como os chamados “desafios”, por exemplo, que já causaram diversos acidentes devido a gravidade do que é erroneamente apresentado apenas como “brincadeira”.

Também é preciso separar o que deve ser um momento de brincadeira e aprendizagem do que se configuraria como trabalho infantil. Muitos dos vídeos disponibilizados na plataforma do Youtube, ou outros semelhantes, recebem monetização, e é possível que, a depender do número de seguidores ou inscritos, recebam um patrocínio por parte de algumas marcas. Para as crianças, e seus responsáveis, talvez pareça tentador acomodar-se a esta forma de ganhos materiais e financeiros. Entretanto, os direitos infantis devem ser preservados e esta atividade não pode tomar todo o tempo da criança, pois ela deve priorizar o envolvimento em atividades essenciais ao seu desenvolvimento, tais como responsabilidades escolares e tarefas de rotina doméstica, que de acordo com Siqueira & de Oliveira Freire (2021), são frequentemente deixadas de lado por conta do uso dos meios eletrônicos.

De acordo com Campeol (2020), o caso da cantora mirim, Melody, que teve seu primeiro vídeo amplamente divulgado na rede social Facebook, no qual interpreta uma música escrita por seu pai, é um bom exemplo de midiaticização inadequada da figura infantil. A autora cita as polêmicas em torno da adultização presente nos vídeos e aparições públicas de Melody, que tiveram consequências que afetaram a cantora, e para além dela, visto que

a mesma se apresenta como uma figura pública de influência, com a qual outras crianças traçam identificação.

É válido ainda ressaltar que no que tange aos aspectos legais do trabalho remunerado por parte de crianças nas redes sociais, Loricchio e Faim (2021) apontam para uma carência visível de regulamentação adequada a esta atividade, a partir da qual muitas crianças e adolescentes vêm sendo expostas excessivamente e, por vezes, até mesmo exploradas pelos próprios familiares, que veem no sucesso do infante uma oportunidade bastante atraente para a geração de renda. Neste contexto, é importante dizer que se faz necessária uma intervenção na legislação brasileira que vise proteger a saúde mental e garanta o desenvolvimento pleno desses menores que vivem uma realidade e delicada em meio à esfera digital.

Considerações finais

Enquanto produtores de ciência, temos o dever de apresentar dados neutros, que não negligenciam, mas sim, apresentam as duas faces do uso de Internet por parte de crianças e adolescentes. Sendo assim, não é possível se restringir a uma visão unilateral determinista com relação ao uso da Internet, que por muitas vezes já percorre os espaços do senso comum.

Do exposto, pode-se compreender que a Internet, redes sociais e aplicativos de maneira geral fazem parte do momento cultural e histórico da vida das pessoas na atualidade, estendendo-se naturalmente ao público infantil, que parece ter ainda mais facilidade no manejo destes recursos (Ames, 2016), por já ter nascido imerso a um mundo tecnológico. Proporcionar um ambiente saudável, onde a criança pode participar ativamente das escolhas e preparação do que será produzido, a traz para um lugar de protagonista e não apenas para a posição de consumidor ou objeto de exposição.

Postulamos aqui que as crianças podem e devem ter espaço para serem atores sociais e, não apenas objetos; sendo assim capazes de contribuir com suas ideias e manifestando suas necessidades para a obtenção e manutenção de direitos (Serrão, 2022), além da formação de um novo brincar e diferentes modos de aprendizado (Tomás e De Carvalho, 2019). Vale refletir também a respeito dos novos anseios para o futuro por parte das infâncias que se fazem na contemporaneidade, as quais cada vez mais parecem contemplar planos ligados às profissões digitais (Castelló-Martínez & Tur-Viñes, 2020; AIMC, 2018; Bermúdez, 2020).

Dar ouvidos à demanda infantil, no mesmo passo que se presta uma observação cuidadosa para com suas peculiaridades neurodesenvolvimentais, e necessidades afetivas e intelectuais, pode ser algo fundamental para produzir conteúdos mais adequados e mapear o que deve ser alterado ou excluído dentro do que lhes é ofertado. Ainda que por vezes levantem opiniões polêmicas, não é possível negligenciar o imenso poder social e intelectual que os novos modos de comunicação que se fazem reais através dos aparelhos digitais apresentam ao público infantil.

Em suma, podemos afirmar que quando utilizada de maneira adequada, seguindo as limitações de uso recomendadas por especialistas, tais como as previstas pela Sociedade Brasileira de Pediatria, no Manual de Orientação “#MenosTelas #MaisSaúde” (2020), a Internet parece ser de fato um instrumento agregador. Quando a inclusão dos infantes dentro dos espaços de comunicação e das transformações sociais do cenário brasileiro é possibilitada,

infâncias são reconstruídas sobre um solo de quebra de paradigmas culturais, uma vez que se oferece à criança e ao adolescente a possibilidade de ter uma voz ativa, dádiva que por muito tempo se manteve inacessível.

Referências

- AIMC. (2018). AIMC niñ@s 2018. <https://cutt.ly/inGsa1p>
- Ames, P. (2016). As crianças e suas relações com as tecnologias da informação e comunicação. *Infância na América Latina*, 11.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (Vol. 2). Livros técnicos e científicos editora.
- Bermúdez, S. (2020). *Lo que debes saber de la Generación Alpha para llegar al futuro*. <https://bit.ly/2URBrMd>
- Campeol, K. (2020). Midiatização infantil. *Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, 1(4).
- Castelló-Martínez, A. y Tur-Viñes, V. (2020). Obesity and food#related content aimed at children on YouTube. *Clinical Obesity*, 10(5). <https://doi.org/10.1111/cob.12389>
- Coleta, A. D. S. M., Dela Coleta, M. F., & Guimarães, J. L. (2008). O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em estudo*, 13, 277-285.
- da Rosa, L. M., & Serra, R. G. (2020). A Relação entre o Uso de Jogos Digitais Online e Sintomas de Ansiedade em Crianças e Adolescentes. *Contextos Clínicos*, 13(3), 807-827.
- da Silveira, S. L. (2020). Pedofilia na Internet. *Inova+ Cadernos da Graduação da Faculdade da Indústria*, 1(2).
- Ferreira, A. G. (2003). Higiene e controlo médico da infância e da escola. *Cadernos Cedes*, 23, 9-24
- Firth, J. A., Torous, J., & Firth, J. (2020). Exploring the Impact of Internet Use on Memory and Attention Processes. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(24), 9481. doi:10.3390/ijerph17249481.
- IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais> Acesso em: 28 jul. 2022.
- Loureiro, C. C. (2017). *Eu aprendo a brincar de mais coisas que eu não sabia! crianças e videogames numa brinquedoteca escolar*. 250 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, 2017.
- Loureiro, C. C., & Marchi, R. D. C. (2021). Crianças e Mídias Digitais: um diálogo com pesquisadores. *Educação & Realidade*, 46.
- Loricchio, C. R., & Faim, L. C. (2021). Trabalho infantil no contexto das redes sociais: entre o panorama do desamparo legal e suas perspectivas de regulamentação. In Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra (Vol. 6, No. 1.)
- Neves, K., Fosse, L. D. O. S., Torres, T. R., & Napolitano, M. A. (2015). Da infância à adolescência: o uso indiscriminado das redes sociais. *Rev. Ambiente acadêmico, Cachoeiro de Itapemirim*, 1(2), 119-139.
- Oliveira, J. da S. (2018). *Comunicação, consumo e infância na era das mídias on-line: uma análise sobre a publicidade infantil nos vídeos da youtuber mirim Julia Silva*. (Dissertação de Mestrado).
- Pereira, R. R. (2014). O (en)canto e o silêncio das sereias: sobre o (não) lugar da criança na (CIBER) cultura. *Childhood & Philosophy*, 10(19), 129-154.
- Portal Lunetas. (2020, 17 de julho). *A participação das crianças no mundo digital* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=cweZwkfhLuS>

-
- Portal Lunetas. (2020a, de julho). *Como as crianças usam a internet e a mediação dos pais* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=zd7Zkw2Dy6M>
- Santos, J. (2015). *Uso de tecnologia por crianças: benefício ou perda da infância?* 20 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.semprefamilia.com.br/uso-de-tecnologia-por-criancas-beneficio-ou-perda-da-infancia/>>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- Serrão, B. O. (2022). *Participação cívica de crianças em espaços on-line: a ocupação das redes sociais por crianças digital influencers*.
- Siqueira, A. C., & de Oliveira Freire, C. (2019). A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil. *Revista Farol*, 8(8), 22-39.
- Sociedade Brasileira de Pediatria [Internet]. Rio de Janeiro: SBP; (2019-2020). Manual de orientação: #MenosTelas #MaisSaúde. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf. Acesso em: 28 de jul. 2022.
- Taborda, L. D. S. (2019). A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança. *Revista Uningá Review*, 34(1), 40-48.
- Tomás, T. K. E., & de Carvalho, C. R. (2019). Crianças x tecnologias: o que diz a pesquisa Tic Kids Online?. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, 6(12), 245-273.
- Tomaz, R. (2016). "Criança pode cantar e dançar funk?" – as repercussões dos vídeos de MC Melody e as disputas no campo da infância. *Estudos Semióticos*, 12(2), 90-97.
- Tomaz, R., & Antunes, A. (2017). A sociabilidade automatizada das crianças brasileiras nas redes sociais. *Desidades - Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude*, (17).
- Wacks, Y., & Weinstein, A. M. (2021). Excessive smartphone use is associated with health problems in adolescents and young adults. *Frontiers in psychiatry*, 12, 669042.